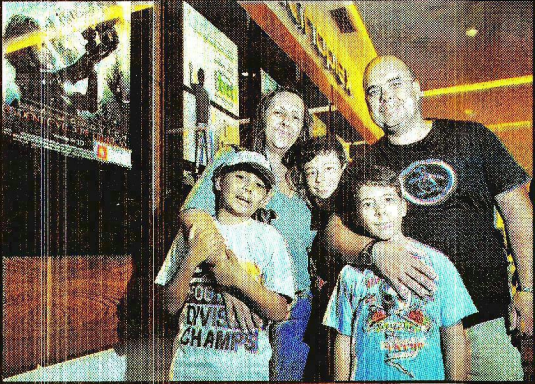


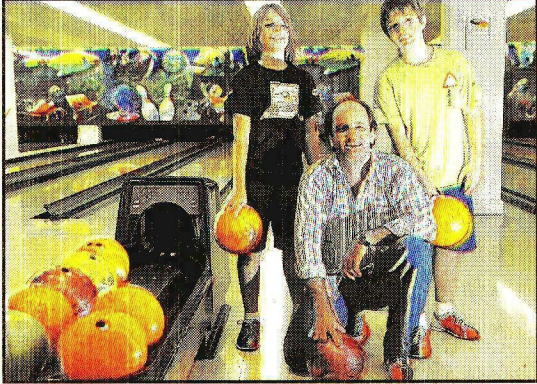
Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Marcelo (D) com a família: "Tem que manter rédea curta"



Cleide só gasta até R\$ 50 com jogos eletrônicos



Dante se diverte com os filhos durante a semana



Márcia vai menos ao shopping com Bárbara e Matheus

Só a conta é sem graça

» DIEGO AMORIM

Qualquer saída despreten-siosa com a garotada pode provocar sustos na fatura do cartão de crédito e des-sarranjar as finanças da casa. O elevado custo de vida na capital do país alcança os itens de diversão e transforma os passeios de fim de semana em momentos de gastan-ça. Sem muito esforço, um casal com dois filhos chega a desembol-sar, rotineiramente, R\$ 200 a cada ida ao shopping. Na conta aproxi-mada, entram os ingressos para o cinema em salas convencionais, as brincadeiras em jogos eletrôni-cos e o sanduíche acompanhado de refrigerante e batata frita, além do custo com transporte.

O Correio levantou preços mé-dios das principais opções de la-zer na cidade (veja ilustração) e chegou a somas que surpreen-dem os próprios pais, pouco acos-tumados a planejarem esse tipo de gasto. O peso de alguns itens de recreação e do lanche fora de casa em Brasília supera a média nacio-nal. Em relação ao cinema, a infla-ção acumulada de 11,42% este ano, até setembro, só não é maior que a encontrada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísti-ca (IBGE) em Belo Horizonte, on-de a alta no período atinge 12,59%.

Unânimes, os pais dizem ser quase impossível controlar o ím-peto dos pequenos. Em um am-biente escuro, climatizado e com música agitada, por onde passam quase 2 mil pessoas por fim de se-mana, 215 brinquedos disputam a atenção de crianças e adolescen-tes. Os mais baratos, de R\$ 2, são desprezados. As filas se formam mesmo diante dos simuladores, atração que dura dois minutos e custa R\$ 9. "Só para jogar água no patinho são R\$ 3,40 para cada fi-lho", acrescenta a servidora públi-ca Cleide Alves, 34 anos, mãe de duas crianças — de 10 e 6 anos — e de um bebê de 11 meses.

Limite

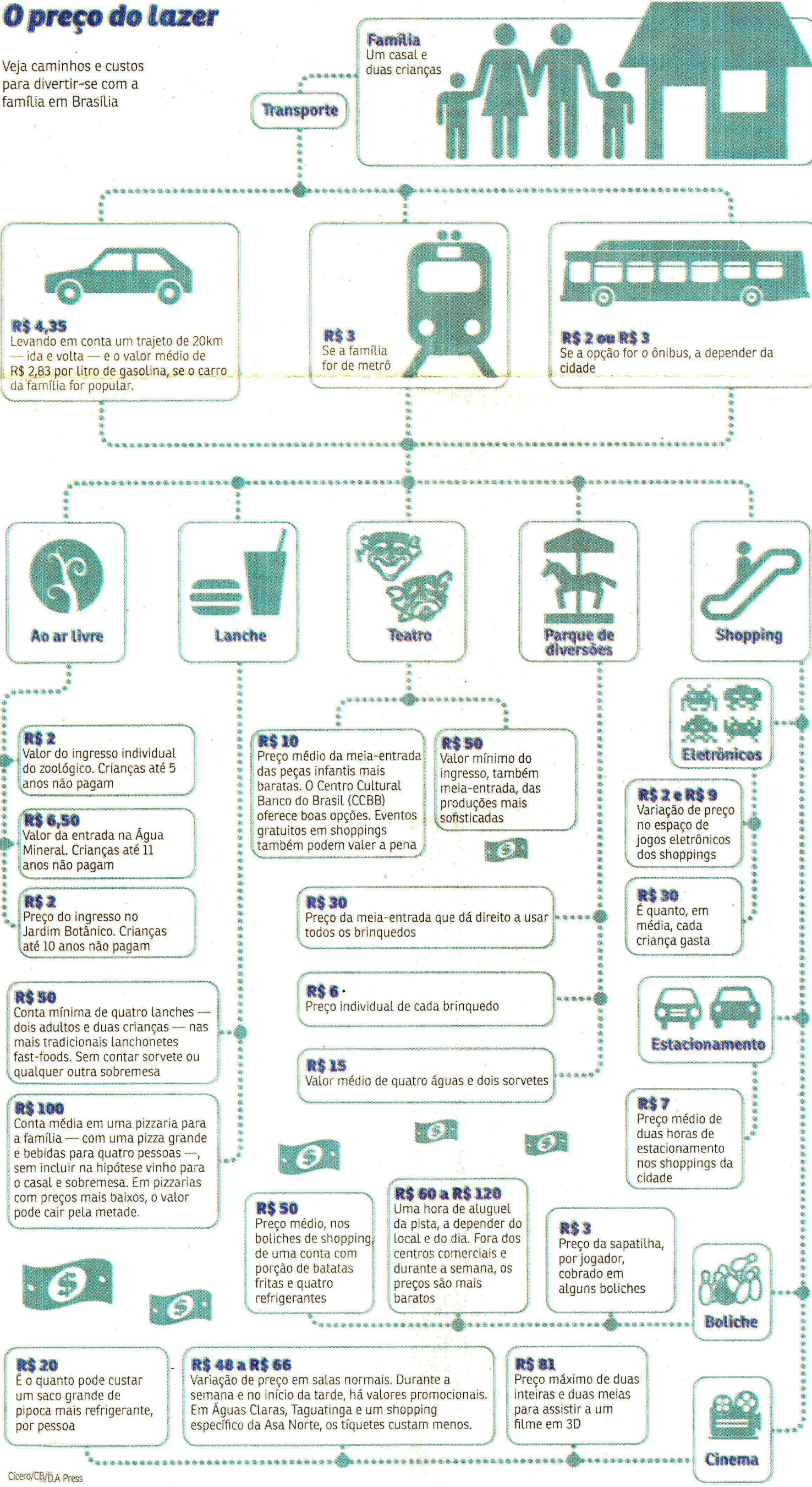
A cada visita ao templo dos jo-gos eletrônicos, Cleide paga R\$ 50 pela euforia dos herdeiros mais velhos. E o gasto só para aí porque ela impõe limite. O último filme visto pela família, em 3D, saiu por pouco mais de R\$ 100: duas in-teiras e duas meias, pipoca e re-frigerante para todos. A conta no fast-food, após o cinema, somou mais R\$ 60 às despesas do pas-seio. "Não dá tempo de fazer cál-culo. Se não cuidar, extrapola o or-çamento", reconhece a mãe.

Não é sempre que os irmãos Marcelo, 12, e Marcus Vinicius, 7, e o primo Fábio, 8, são convenci-dos a andarem de skate no Eixão ou a nadarem na piscina da casa dos parentes, escolhas que pesam menos no bolso dos adultos. "É complicado, tem que manter ré-dea curta. Cinema não pode par-celar", comenta o autônomo Mar-celo Chaves, 35, responsável pela meninada nos passeios. "Quando a gente sai, gasta e pronto. Não pa-ra pra pensar", emenda a mulher, a vendedora Sabrina Chaves, 31.

A falta de planejamento com as despesas de lazer, situação mais comum, empurra as famílias pa-ra o endividamento e ajuda a

O preço do lazer

Veja caminhos e custos para divertir-se com a família em Brasília



perpetuar gerações pouco educa-das financeiramente, na avaliação do consultor Rogério Olegário, coautor do livro *Família, afeto e fi-nanças*. "Se os pais não têm limi-tes, os filhos também não terão", alerta ele, antes de deixar a diver-são de lado. "É necessário reduzir os valores médios e as frequên-cias dos acontecimentos, a de-pender da realidade de cada um."

Dante e Gabriel, irmãos de 11 e 12 anos, só vão ao boliche quando tiram boas notas na escola. O pai, o engenheiro agrônomo Dante Maфра, 50, opta por levá-los du-rante a semana, quando o movi-mento e o preço são menores. Se perde o jogo, pelo acordo feito com os filhos, paga mais uma ho-ra de diversão. "Tenho que ga-nhar", diverte-se ele, logo depois de fazer um strike. Mesmo quan-do consegue ficar à frente na con-tagem de pontos, Maфра gasta cerca de R\$ 180 por saída, so-mando a brincadeira e o lanche.

O terceiro filho da analista de sistemas Márcia Lima Ribeiro, 39, obrigou ela e o marido a repensa-rem os passeios em família. Há dois anos, ela resolveu enumerar os gastos em uma planilha e che-gou à conclusão de que era preci-so ir menos ao shopping. Os brin-quedos eletrônicos passaram a fa-zer parte do programa uma vez por mês, e não mais três. "Antes, a gente gastava meio sem critério", confessa, ao deixar os dois mais velhos — de 8 e 6 anos — em um espaço infantil do centro de com-pras, que cobra R\$ 24, por criança, a cada hora de diversão.

Para minimizar essas despesas, o consultor Rogério Olegário suge-re que os pais busquem alternati-vas às atividades pagas. Passeios ao ar livre — em parques, por exemplo — não eliminam custos com lan-che e transporte, mas barateiam a conta final. Um filme acompanha-do de pipoca no sofá de casa é ou-tra possibilidade de economizar.

Para saber mais

Custos inflados

As despesas com recreação — incluindo cinema, jogos, brinque-dos, locação de DVD, entre outros — representaram, no mês passado, 2,8% do orçamento do brasileiro. O valor do cinema, que só não su-biu menos do que na capital mi-neira em 2012, pesa nessa conta, de acordo com o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Comer em restaurantes é outro gasto que contribui para in-flacionar os passeios com a famí-lia. A alimentação fora do domi-cílio teve um peso de 9,2% na vida financeira do morador da capital federal, em setembro, o maior percentual do país, ao lado do Rio de Janeiro. Este ano, essa despesa já aumentou 5,03%. O lanche fi-cou 5,1% mais caro em Brasília nos nove primeiros meses. A infla-ção de bebidas alcoólicas — com exceção da cerveja — atingiu no DF 8,07% no período, contra uma variação de 5,88% na média das demais capitais pesquisadas.